
ARTIGO

DOXA E EPISTEME: A Construção Discursiva Na Narrativa Histórica (Ou Salústio E A Historiografia)

Pedro Paulo Abreu Funari

"Descreverei os fatos com precisão e imparcialidade. Ao mesmo tempo, a linguagem em que registro os acontecimentos refletirá meus próprios sentimentos e emoções."
(Josefo, A Guerra Judaica, Pref. 4.)

O texto trata da construção discursiva do historiador através do estudo comparativo da narrativa do historiador latino Salústio e do historiador francês Jérôme Carcopino. Seus relatos sobre um único episódio permitem questionar a suposta cientificidade do historiador moderno em relação ao antigo.

I - A VERDADE E SUA DESCRIÇÃO: O DISCURSO DA HISTORIOGRAFIA CIENTÍFICA CONTRA A OPINIÃO E A POÉTICA

A historiografia científica, surgida no século XIX, construiu sua identidade na oposição entre dois gêneros radicalmente diversos: a ciência¹ histórica,

1- O termo ciência aparece na historiografia contemporânea como transposição de *episteme*, caracterizando-se pelo seu caráter nomotático; cf. M. de Certeau, *A operação histórica*, História: Novos Problemas, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976,

descrição de verdades passadas, contraposta à História, e "*memoria rerum gestarum*", gênero literário de gregos e romanos². Embora o positivismo da historiografia oitocentista tenha, neste século, perdido terreno, predomina, ainda, uma concepção de História baseada em categorias aléticas³ e fundamentada em rígida separação entre uma prática acadêmica epistêmica⁴, desprovida de qualquer caráter deontológico ou mimético, e o campo doxológico da ficção histórica⁵. Neste contexto, a historiografia antiga⁶, pré-científica por definição, encontra-se, em

p. 41, onde as regras (*nomoi*) aparecem como o conceito-chave da História científica. Utilizam o conceito de ciência histórica, entre outros, e em oposição à literatura histórica, C.F.S. Cardoso e H.P. Brignoli, *Los métodos de la Historia*, Barcelona, Grijalbo, 1977, p. 38; E. Zhukov, *Metodologia de la Historia*, Moscou, Ac, de Ciências, 1982, p. 44. *et passim*.

- 2- Cf. A. Momigliano, *The Historians of the classical world and their audiences: some suggestions*, *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*, 8, 1978, p. 74.
- 3- A *alétheia* define-se, no pensamento clássico retomado por diversos historiadores, como aquilo que é, efetivamente, *ainai*, *ousia*, em oposição à aparência, imitação (*mimesis*), ilusão (*eikasia*), que se refere ao que se transforma (*genesis*); cf. Platão, *República*, 5, 475a; 6, 510a; 7, 515c; 7, 534 a; 7, 598b; Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 6,6. Cf. N. Sevcenko, *Literatura como missão*, São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 21: ocupa-se, portanto, o historiador, da realidade, enquanto o escritor (sc. de ficção) é atraído pela possibilidade (grifo meu).
- 4- Utilizo os termos *episteme* e *doxa* na sua acepção original, tal como retomada pela historiografia: Platão, *A República*, 5, 478a: *episteme* relaciona-se com o que é; 6, 510a: é uma verdadeira (*alethes*), outra não e a relação da imagem com o original é a mesma entre *doxa* e *episteme*; Aristóteles, *Ética a Nicômaco*: *episteme* consiste em formar julgamentos sobre coisas que são universais e necessárias, verdades demonstráveis. R.G. Collingwood e *A idéia de História*, Lisboa, Presença, 1978, tenta resolver a impossibilidade da História atingir o imutável (*ousia*) ao tratar do imutável (*genesis*), de ser epistêmica num contexto doxológico: "Heródoto... conseguia extrair *episteme* da *doxa* (p. 41). I.H. Marrou, *Sobre o conhecimento histórico*, Rio de Janeiro, Zahar, 1985, p. 29, utiliza-se do conceito de ciência mas o torna equivalente à *tekhne*, em contraposição à *episteme*, tentando, dessa forma, resolver a questão da cientificidade da História; cf. Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 6, 1139b.
- 5- A oposição entre a História (*rerum gestarum expositio*) e a ficção (*mimesis*) histórica deriva das considerações de autores antigos; cf. Aristóteles, *Poética*, *passim*; Platão, *A República*, 10, 598b; Cícero, *De oratore*, 2, 15, 62. Veja-se a importância dessa oposição para entender o sentido de *verstehen* em I.H. Marrou, *op. cit.*, p. 28, cf. p. 245 (pós-escrito de 1975). Toda a construção discursiva de N. Sevcenko em sua brilhante tese, *op. laud.*, baseia-se na contraposição aristotélica entre o que foi (*ousia*, *ainai*) e o que poderia ser (*dynamai*); cf. *op. laud.*, p. 21.
- 6- Sobre a Historiografia antiga, veja-se, por último, G.A. Press, *The development of the Idea of History in Antiquity*, Kingston, Mac-Gill, 1982; C.W. Fornara, *The nature of History in Ancient Greece and Rome*, Berkeley, U.C.P., 1983 e, a partir dos pontos de

geral, submetida ao critério analítico dominante na ciência histórica: o grau de veracidade de suas informações⁷. A avaliação dos historiadores antigos depende, assim, da sua relativa proximidade com relação à visão epistêmica de nossos dias.

Salústio, um dos historiadores mais doxológicos e poéticos da historiografia antiga⁸, tem sido, justamente por isso, considerado inferior a escritores como Tucídides e Políbio⁹, cujas formulações metodológicas quase atingiriam a cientificidade da historiografia contemporânea.

Meu objetivo, neste trabalho, consiste, precisamente, num questionamento das formulações axiomáticas que fundamentam a oposição entre ciência e ficção histórica. A partir do estudo de Salústio, pode-se perceber como a narrativa histórica, construção discursiva¹⁰ sujeita a regras, se rege por categorias deônticas¹¹ e possui caráter pragmático vinculado aos recursos da *poesis* estilística

vista mais próximos dos meus, T.P. Wiseman, *The Idea of History in Antiquity*, *Classical Review*, 1985, 109-11.

- 7- É o caso, por exemplo, do estudo de Tessa Rajak sobre Josefo, *Josephus: the historian and his society*, Londres, Duckworth, 1983, que considera Josefo como historiador e como pessoa confiável (isto é, que diz a verdade).
- 8- Cícero desconsidera o trabalho histórico de Salústio: *Abeet enim historia litteris nostris...* (*De leg.* 1, 2, 5), assim como C. Nepos, in H. Peter, *Historicorum Romanorum reliquae*, Teubner, 1967, vol. 2, p. 40, fr. 17.
- 9- Sobre Políbio, veja-se K. Sacks, *Polybius on the Writing of History*, Berkeley, UCP, 1981; para uma visão recente, no sentido da afirmação da cientificidade de Políbio, veja-se G.S. Samokhina, *Polybiana: a História como ciência na historiografia dos terceiro e segundo século antes de nossa era*, *Vestnik Drevnei Istorii*, 4, 1986, pp. 95-102, em particular suas considerações sobre a oposição entre *nauchnoi i khudozhestvennoi literatury... istorii i poezii* (p. 97).
- 10- Sobre o caráter construído da narrativa zhistórica, vejam-se: C. Bobinska, *Historyk, fakt, metoda*, Varsóvia, 1984, pp. 49-50; E. Topolski, *Metodologia Isterii*, Varsóvia, 1976, p. 150; J.R. do Amaral Lapa, *A História em Questão*, Petrópolis, Vozes, 1976, p. 14, que define *Geschichtsschreibung* como "recriação conforme o substrato ideológico em que se envolve o Historiador ou que ele impõe". Cf. O. Philippe, *L'Homme et l'Histoire*, *Actes du Congress de Strasbourg*, 1952, p. 26; R. Jolivet, *ibidem*, p. 11 (= obra literária).
- 11- O caráter deôntico da historiografia contemporânea é às vezes explicitado, como em H.I. Marrou, *op. cit.*, ou E. Zhukov, *op. cit.* - para citar dois autores com posições marcadamente diversas entre si -; contudo, a descrição da realidade apresenta-se, em geral, como neutra. Richard R. Wilk, em um artigo recente, analisa em detalhe como o discurso sobre o passado relaciona-se com os valores do historiador: *The ancient Maya and the political past*, *Journal of Anthropological Research*, 41,3, 1985, pp. 307-326, em particular, p. 319, *The connection between present and past is a source*

do autor¹². A especificidade discursiva da História científica, que se encontra oculta pela diluição de seu estilo e das regras de sua construção narrativa, numa *episteme* acadêmica desinteressada, poderá, então, vir à luz. Será possível, desta forma, restabelecer os liames entre as diversas práticas de composição histórica.

II - CETERUM EX ALIIS NEGOTIIS QUAE INGENIO, EXERCENTUR, IN PRIMIS MAGNO USUI EST MEMORIA RERUM GESTARUM.

"Dentre as outras atividades exercidas pelo espírito, em primeiro lugar é útil relatar os acontecimentos passados."
(Salústio, Bell. Jug. 4,1)

A História, para Salústio, é de grande utilidade (*magno usui est*), ou seja, o relato do passado possui sentido pragmático, visa a que os homens ajam de certa forma, persigam a *uirtus*¹³. Diz Salústio:

"muitas vezes ouvi dizer que Quinto Máximo e P. Cipião, além de outros homens ilustres de nossa pátria, costumavam afirmar que, ao contemplarem as imagens de cera de seus antepassados, sentiam um enorme estímulo em direção à virtude. É de se supor que nem a cera nem os retratos tivessem em si mesmos tanta força, mas que, ao contrário, o relato dos feitos passados fizesse crescer, no peito dos

of power, the power to offer legitimacy or attack it. Cf. a recolocação do presente *sub specie praeteritorum* segundo M.B. Oakeshott, *Experience and its modes*, Cambridge, CUP, 1933; K. Boklund-Lagopolow e A. Ph. Lagopolous, *Semiotics and History*, *Semiotica*, 59, 3/4, 1986, p. 211.

- 12- Procura-se negar, no moderno discurso historiográfico, o caráter literário do trabalho histórico; cf. A.J. Woodman, *From Hannibal to Hitler: the literature of war*, *The University of Leeds Review*, 1983, pp. 107-134; C.F.S. Cardoso e H.P. Brignoli, *Los métodos de la Historia*, Barcelona, Grijalbo, 1976, p. 38. No entanto, a importância literária da historiografia contemporânea pode ser avaliada pelo fato de que o primeiro prêmio Nobel de Literatura concedido a um alemão foi, em 1902, Theodor Mommsen, por sua *Römische Geschichte*. Veja-se, por exemplo, o jogo de posições binárias que culmina, em última oração, com a unicidade do personagem narrado, César: *So wirkte und schaffte er wie nie ein Sterblicher vor und nach ihm, und als ein Wirkender und Schaffender lebt er noch nach Jahrtausenden im Gedächtnis der Nationen, der erste und doch auch der einzige Imperator Caesar*, in *Caesar*, Munique, Goldmann, s.d., p. 143.

- 13- Cf. D.C. Earl, *The Political Thought of Sallust*, Cambridge, CUP, 1961, *passim*.

homens egrégios, esta chama que não se extinguiu sendo ao igualarem sua virtude à fama e à glória daqueles" (Bell. Iug. 4, 5-6).

Três são as características do discurso histórico de Salústio. Em primeiro lugar, a História consiste numa *concitatio animi*, num apelo emotivo à práxis. Essa emoção deriva, por sua vez, do conteúdo poético da narração (*ornatio uerborum*), consubstanciado na assimetria (*inconcinnitas*), na concisão (*brevitas*) estilística e na sucessão de descrições¹⁴, discursos¹⁵ e retratos¹⁶ no decorrer do texto. Por fim, Salústio explicita seu posicionamento ético frente aos acontecimentos narrados e expõe o princípio ordenador de sua narrativa: articula seu discurso em torno da transformação da *uirtus* individual em *ambitio*, processo que ocorre com a maioria dos personagens de sua narração (Jugurta, Escauro, Albino, Mário, *inter alios*). Salústio relaciona esse processo a um momento determinado da História Romana: a consolidação da supremacia romana no Mediterrâneo após a destruição de Cartago¹⁷.

II - SALLUSTIUM NON UT HISTORICUM, AIUNT, SED UT ORATOREM LEGENDUM.

"Dizem que Salústio deve ser lido como um orador, não como um historiador."
(Grânio Liciniano, 26)

A. J. Woodman¹⁸ ressaltava, em 1983, que

14- Cf. Bell. Iug. 17-19; 41-42.

15- Cf. Bell. Iug. 10; 14; 31; 85.

16- Cf. Bell. Iug. 6; 15; 28; 65; 95.

17- Trata-se do famoso *metus hostilis*: *Nam ante Carthaginem delectam populus et senatus Romanus placide modesteque inter se rem publicam tractabant, neque gloriae neque dominationis certamen inter ciuis erat: metus hostilis in bonis artibus ciuitatem retinebat* (Bell. Iug. 41, 2); cf. Plínio, N.H. 33,50; Vell. Pat., 2,1,1; Floro, 1, 33, 1; 34,18; 47,3; Agostinho, Ciu. Dei 1, 30; Orósio, 5,8,2; Plut. Cato Maior, 27; Diodoro, 34, 33, 3-6.

18- A.J. Woodman, *op. cit.*, p. 120.

"a historiografia antiga e moderna são completamente diferentes. Costumamos considerar autores antigos e modernos a partir dos mesmos pressupostos. Contudo, nada pode ser mais perigoso. Se os historiadores antigos eram escritores do tipo que descrevi (sc. poetas), isso significa que seus trabalhos não podem ser considerados como evidência histórica pelos historiadores modernos(...) há (nesses textos) muito pouca evidência histórica. As implicações disso são muito preocupantes."

O fosso entre a historiografia antiga e a moderna adviria, portanto, da veracidade factual¹⁹, neutra²⁰ e epistêmica do historiador contemporâneo²¹, ante a descrição mimética, artística, doxológica e inverídicas do historiador antigo.

No entanto, a meu ver, o *modus describendi* dos historiadores antigos e modernos parte de regras diversas mas igualmente construídas, deônticas e pragmáticas²². Isso se torna claro na comparação da narração salustiana com aquelas de historiadores contemporâneos, demonstrando que não são tanto as "evidências" que unem (ou não) ambas as historiografias, mas sua feição literária e engajada²³. Limite-me, aqui, devido às restrições impostas pelo tempo de que

19- Sobre o caráter ideológico do conceito de "evidências" e "fatos", veja-se S. Tabaczynsky, *Tradizione positivista e 'nuova archeologia'*, *Archeologia Medievale*, II, 1984, p. 21: *non ci sono nella realtà di ricerca i 'fatti' 'puri, cioè non interpretati e non appesantiti da opinioni e precisazioni del ricercatore*.

20- Cf. A.Ph. Lagopoulos, *Semiotics and History: a marxist approach*, *Semiotica*, 59, 3/4, 1986, p. 219: *verification is not logical, but socio-logical, and is effected through social reality*.

21- Cf. Ju. V. Bromley, *Theoretical Ethnography*, Moscou, Nauka, 1984: *historian's specific function... consists in an all-round recreation of the multifaceted picture of the historical process*. (grifo meu). O ato de recriação implica um sujeito que desenha um quadro segundo seus interesses e pontos de vista.

22- Cf. M. Rowlands, *Objectivity and subjectivity in Archaeology*, in M. Spriggs (org.), *Marxist perspectives in Archaeology*, Londres, 1983, p. 109: *this ordering (sc. of past events into process) is guided by present interests and the ideological role played by images of the past in society*.

23- Sobre o engajamento do historiador, veja-se A.M.O. Burmester, *A Nova História*, *História: questões e debates*, 4, 7, 1983, p. 206. Sobre a relação entre a *uerborum ratio* e a *rerum ratio*, vejam-se: Luc Marchal, *L'Histoire pour Cicéron, Les Études Classiques*, 1987, pp. 41-64; B. Bursov, *Literatura soviética*, 1, 1987, p. 163; L. Mlecin, *Honra, ética, consciência: um diálogo com Zdenek Pluhar, Novoe Vremia*, 14, 1987, p. 28 (em russo).

disponho, ao estudo de apenas um episódio da Guerra de Jugurta, tal como apresentado por Salústio e por Jérôme Carcopino. Não se trata de escolha aleatória, pois Carcopino marcou época, como historiador da Roma Antiga, pela sua precisão narrativa, pelas múltiplas interpretações originais que propôs e pela imensa influência que exerceu e continua a exercer nos seus contemporâneos e pósteros²⁴. O caso escolhido reveste-se de particular interesse, pois se trata de um episódio narrado por Salústio, sendo, expressamente, retomado por Carcopino a partir dessa única fonte documental.

Em 116 a.C., o Senado Romano reuniu-se para decidir sobre a divisão da Numídia. Ouviram-se as duas partes em disputa, Aderbal e embaixadores de Jugurta. Segundo o relato de Salústio:

"15.2 Ambas as partes retiraram-se então da Cúria. Os que favoreciam os embaixadores, bem como a maior parte do Senado, que havia sido comprada, condenaram as palavras de Aderbal, exaltando em suas arengas o valor de Jugurta. Punham todos os seus esforços, seu crédito e sua eloquência a serviço do crime e da infâmia alheios, como se se tratasse de sua própria honra. 3 Apenas uns poucos, para os quais valia mais o bem e a justiça que as riquezas, considerara que a sorte de Hiempsal devia ser vingada e Aderbal socorrido. 4 Dentre todos, destacou-se Emílio Escauro, nobre, altivo, porém faccioso, ávido de poder, de honras e riquezas. Astucioso que era, trazia seus vícios escondidos. 5 Quando percebeu que as larguezas do rei se tornavam conhecidas e impudentes, teve medo de que, como ocorre em tais ocasiões, este abuso odioso levantasse o ódio também contra si e, assim, contesse de sua costumeira libertinagem. 16.1 No Senado venceu, contudo, a parte que prezava o dinheiro e o crédito mais que a verdade."

24- J. Carcopino (1881-1970) foi membro da Escola Francesa de Roma, entre 1904 e 1907; Professor na Universidade de Algers e Inspetor de Antiguidades na Argélia entre 1912 e 1920; professor na Sorbonne entre 1920 e 1937; diretor da Escola Francesa de Roma desde 1937; membro da Academia das Inscrições e da Academia Francesa desde 1955. Por sua importância em mais de sessenta anos de atividade acadêmica bem como pela formação de gerações de romanistas, Carcopino pode ser comparado apenas a Theodor Mommsen, pela espessura de sua influência na Historiografia da Roma Antiga.

J. Carcopino²⁵, baseando-se expressamente no relato salustiano, reconstrói o mesmo episódio nos seguintes termos:

"Os patres reúnem-se em sessão fechada.

O que importa é a salvação do Império e far-se-á o que ela exigir. Aceitar a versão de Jugurta seria deixá-lo como mestre de toda a Numídia: ninguém pensa nisso. Acolher o pedido de Aderbal é reacender a Guerra na África. Um pequeno número de Senadores pende nessa direção, em nome das verossimelhanças, mas, principalmente, em nome da expansão romana, no interesse dos quais ela enchia os armazéns e a bolsa. À sua frente encontra-se Escauro... submetendo a Numídia inteira a um príncipe como Aderbal, sem capacidades militares e sem poder fazer frente à potência romana, daria aos comerciantes da ordem equestre todas as facilidades para o crescimento dos seus negócios e a prosperidade de suas iniciativas: pronunciou-se, então, pela intervenção (Bell. Iug. 15, 3-4).

Mas a maioria dos Patres se opunha: uns, talvez, porque tinham recebido de Jugurta para abster-se, os outros porque consideravam, sinceramente, a aventura custosa para uma vantagem aleatória, uns e outros porque percebiam estar o povo hostil a uma expedição que lhe exigiria grandes sacrifícios, não seria lucrativa sendo aos cavaleiros e reunificaria um estado bárbaro que era melhor manter na desunião. (Bell. Iug. 16,1)."

Em termos estilísticos, ambos utilizam uma *suada uerborum ordinatio*, caracterizada, no primeiro autor, pela narração concisa (*brevitas*), cujo efeito se perde, em grande parte, na tradução, mas que pode ser avaliada por uma frase-chave (grifado no texto acima):

Gratia, uoce, denique omnibus modis, pro atieno scelere et flagitio sua quasi gloria nitebantur.

A sucessão de ablativos, caso em que estão todos os substantivos e adjetivos da oração, permite ao autor transmitir a sensação de movimento explícito em nível semântico (*nitebantur* = esforçavam-se); a inversão da colocação do pronome e

25- La République romaine de 133 a 44 av. J.C. Paris, PUF, 1935, pp. 284-5.

do advérbio²⁶, além de fornecer, novamente, quebra na estrutura da frase, causa efeito, comum em Salústio, de estranhamento no leitor. A estratégia de Salústio, portanto, consiste num envolvimento poético do leitor na linha de argumentação que ordena o texto.

Carcopino, por outro lado, utiliza um bem articulado jogo de *concordantia temporum* que transporta o leitor a dois momentos diferentes. Assim, alterna o presente descritivo, que lhe permite narrar os motivos dos opositores a Jugurta - empregado juntamente com o recurso do discurso indireto de Escauro - com o *passé simple* do fim do segundo parágrafo (*il se prononça donc*). O uso, no parágrafo conclusivo, do imperfeito para expressar a posição vencedora, permite que Carcopino não precise concluir, expressamente, com a decisão do Senado, que fica subentendida em nível semântico (a maioria) e sintático (*repugnait*). O leitor é envolvido, portanto, não apenas pela argumentação substantiva das partes, mas pela sucessão de tempos verbais sutilmente estabelecida.²⁷

Embora o texto de Carcopino aperte, seja uma redescritção do relato salustiano - aceitando, assim, a descrição original dos acontecimentos *in totum* -, representa uma reelaboração em dois níveis: nas estruturas de superfície e profunda do texto. As estruturas possuem pontos de partida e chegada semelhantes, mas percorrem percursos diversos:

26- O advérbio quasi deveria preceder sua; a inversão sua pro gloria não é usual. Compare-se com as seguintes locações pronominais regidas por preposições: *ex testamento suo*, CIL 11, 1127; *in omni uite sua*, *Pere. Aeth.* 9,2; *cur de sua uirtute*, (César, B.G. 1, 40, 4; *Magonem cum classe sua... in Hispaniam mittunt*, Liv. 23, 32, 11; *res familiaris sua quemque delectat*, Cíc. Quir. 3; *in ciuitates quemque suas... dimisit*, Liv. 21, 48. 2. A dificuldade de leitura do trecho levou copistas antigos a substituir sua por suo, atestado nos manuscritos.

27- Compare-se o texto de Carcopino com a carta de Plínio a Tácito, analisada por Umberto Eco em seu *Conceito de texto*, São Paulo, Quieroz, 1984, quanto à sutil manipulação dos tempos verbais.

SALÚSTIO 15,2-16,1	CARCOPINO pp.284-5
1. Reunião fechada do Senado (15,2)	1. Reunião fechada do Senado (cf. 15, 2)
2. A Maioria Pró-Jugurta (15,2)	2. Rápida visão das duas partes (cf. 15,2 e 3-5)
3. A posição de Escauro e da minoria (15, 3-5)	3. Minoria pró-Aderbal (cf. 15,3)
4. Decisão Final (16,1)	4. Escauro (cf. 15, 4-5 e 14 <i>passim</i>)
	5. Maioria (cf. 15, 2 e 16, 1)

A estrutura linear de Salústio, alterada graças a uma sucessão de opiniões e contra-opiniões, permite a Carcopino incluir uma argumentação de Escauro em favor de seu voto, informação inexistente no trecho original. Para tanto, recorre ao discurso de Aderbal, narrado no capítulo anterior (14), que passa a ser incorporado como parte da fala, em discurso indireto, de Escauro.

No nível da estrutura profunda, que explica o porquê da ordenação dada a cada texto, pode-se perceber que as narrativas de Salústio e de Carcopino partem de princípios diversos. Para o primeiro, a História de sua época explica-se pela degradação da *uirtus* em *ambitio*, tal como esclarece o autor latino no prefácio à sua obra. Carcopino, em sentido oposto, não exprime programaticamente seu *modus cognoscendi* da sociedade romana em geral e deste caso em particular. Contudo, a partir do episódio em questão, pode-se supor que, para Carcopino, são os interesses econômicos das classes que determinam as decisões políticas.²⁸ A diferença entre os dois autores torna-se clara na comparação entre os vocábulos (substantivos e adjetivos) utilizados por cada um, para descrever os mesmos eventos.

28- É interessante notar que Theodor Mommsen, ao contrário de Carcopino, aceitava como fator explicativo aquele apresentado por Salústio: a corrupção da nobreza; cf. *Storia di Roma Antica*, Turim, Sten, 1925, vol. 2, p. 128. Seria talvez um eco de sua oposição à nobreza prussiana, que lhe valeria o exílio e o conduziria ao engajamento com os liberais.

O caráter construído da narrativa histórica de ambos os historiadores apresenta-se, no exemplo aqui estudado, evidente nos seus três níveis essenciais: no seu aspecto estético-formal, na seqüência discursiva (*taxis logôn*) e nos princípios explicativos ontológicos ordenadores da narração. O que separa um discurso do outro não são as diferenças estilísticas, nem a diversa ordem de exposição, nem ainda os diferentes *leit motiven*: estas características variam, de qualquer forma, de historiador para historiador. No entanto, Carcopino, em geral, é encarado como um historiador epistêmico, científico, em contraste com a pré-cientificidade de Salústio. Isto ocorre justamente pelo fato de que as regras de construção discursiva da ciência histórica moderna encontram-se ocultas na neutralidade que advém da noção do chamado efeito-realidade na narrativa.²⁹ Enquanto Salústio explicita seu discurso como poético, como *suada oratio*³⁰ que visa, não a descrever fatos reais, mas a memória (lembrança humana)³¹ que impele à ação no presente, o discurso da ciência apresenta-se como aproximação do real, *tout court*. Assim, os interesses por detrás da narração³², as origens presentes da reconstrução do passado (e vice-versa) e o estilo narrativo encontram-se camuflados na neutralidade discursiva da ciência. O *modus ad actiones impellendi* da ciência histórica, portanto, consiste precisamente na indução que advém da obliteração do caráter construído, histórico, engajado da narração histórica.

A doxologia que se acusa na historiografia antiga³³, assim como a *episteme* outorgada à historiografia moderna, representam a tentativa de exclusão do historiador da sociedade e da história. *Scientia* não é mais aquilo que o homem, enquanto membro da sociedade, sabe, mas aquilo que efetivamente é: o ser, a

29- Cf. A. Ph. Lagopoulos, *Semiotica*, 61, 1986, p. 380.

30- A *oratio* é uma *uis* "que age sem violência", pela persuasão, nas palavras de F. Dupont, Cícéron, sophiste romain, *Languages*, 65, 1982, pp. 30 e 23-45.

31- Deve-se notar que a palavra História não significava, em grego e latim, 'os acontecimentos do passado', o 'passado' (*die Vergangenheit*); daí o neologismo de Hegel, *Historia rerum gestarum*, ser inexacto. Memória remete, justamente, ao caráter humano, discursivo, construído: não se trata do que se passou, mas do que se conserva como memória.

32- A. Momigliano enaltece, em Moses Finley, justamente o fato de não explicar o porquê de suas afirmações, *Finley never explains how he would like to proceed. He does it, in Sesto Contributo*, Roma, 1980, p. 316.

33- Sobre a discussão das especificidades do discurso do historiador da Antigüidade Clássica, veja-se, por último, o artigo de G. Bravo Castañeda, *Hechos y Teoría en Historia (Antigua)*, *Geriön*, 3, 1985, pp. 19-41, com abundante bibliografia anterior.

verdade. No entanto, quando se percebe a discursividade, humana, histórica, social, da narrativa historiográfica, pode-se desvelar o inevitável comprometimento da praxis do historiador: *historicos omnes ut oratores legendum!*

AGRADECIMENTOS

Pude trocar idéias com alguns colegas sobre diversos aspectos aqui tratados. O Prof. J.W. Rich (Notingham) teve a gentileza de fornecer-me detalhes de um seu trabalho inédito sobre a anexação de províncias durante a República Romana. Discuti sobre o estilo de Salústio com B. Knott Sharpe (Glasgow) e, principalmente, com o Prof. A.S. Mendonça (USP), com quem pude trocar opiniões a respeito, em diversas ocasiões, desde 1982. Recebi, ainda, informações dos Profs. Michael Winterbottom (Oxford) e H. MacL. Currie (Cleveland). As considerações do Prof. Cidmar Teodoro Pais (USP) a respeito da construção do discurso científico forneceram um contraponto profícuo para minhas próprias observações. Por fim, este texto foi apresentado em uma mesa-redonda na Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em Brasília, em julho de 1987 e discutido pelos Profs. Drs. Nicolau Sevckenko (USP), Augustin Wernet (USP) e Estevão Resende Martins (UnB). Agradeço a todos os amigos e colegas citados e lembro que a responsabilidade pelas idéias expressas recai apenas no autor. Cabe, ainda, agradecer à FAPESP por um auxílio-viagem à Europa em 1986 e à Casa de Velásquez (Madrid), cuja biblioteca me permitiu consultar obras que, de outra forma, seriam inacessíveis.